

Teoria e Autogestão

A Revista Marxismo e Autogestão tem um objetivo fundamental: abrir espaço para as produções teóricas e outras sobre o marxismo e autogestão na perspectiva do marxismo autogestionário. Alguns diriam que isso é apenas “teórico”. Numa sociedade na qual um das ideias vigentes mais comuns é a da falta de importância da teoria, bem como onde reina a superficialidade das redes sociais, especialmente no facebook e twitter, essa empreitada para desnecessária. O pior é que o irracionalismo oriunda do pós-estruturalismo e o anti-intelectualismo de setores do anarquismo reforçam essa onda e ainda se vê fortalecida por aqueles que possuem preguiça mental, muitos com dificuldade de ler um texto com mais de cinco linhas. Essa situação cultural significa não só um retrocesso intelectual e político, como também da humanidade como um todo. A ficção já apontou o “futuro tenebroso” que isso pode gerar, tal como se vê em *Idiocracia* e *A Revolução dos Ignorantes*.

Portanto, o saber é fundamental para a existência humana e, mais ainda, para a transformação social. Isso é explicitado no texto no primeiro texto deste número, “Teoria e Revolução”, no qual se explicita o vínculo necessário e indissolúvel entre a produção teórica e a transformação radical do conjunto das relações sociais. A revolução desejável e do futuro é uma revolução do saber, não da ignorância. Sem um nível de consciência elevado, sem teoria, sem estratégia, sem saber técnico, sem cultura a mais ampla possível, uma revolução autogestionária é impossível, bem como qualquer revolução que tenha um significado humanista e positivo.

Até mesmo Lênin afirmou que “sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”, apesar dele reservar o acesso à “teoria” (no caso, ideologia) apenas para os dirigentes partidários. É por isso que o Partido Comunista Brasileira, segundo narrativa de Maurício Tragtenberg, proibia a leitura de Marx e Lênin, pois se deve ler apenas a cartilha do partido. Hoje temos trotskistas que afirmam que nunca leram

Trotsky. É por isso que os militantes dos partidos supostamente de esquerda possuem um nível de leitura tão baixo que fica até difícil pensar como possuem o cinismo de se declararem “vanguarda” dos outros. A teoria é importante não para justificar uma hierarquia de poder nas lutas políticas e sim para fortalecer a luta coletiva e sua tendência de concretização. Quem se autodeclara “vanguarda” (leia-se: dirigente) por possuir determinada formação intelectual não possui teoria (expressão da realidade, consciência correta da realidade sob forma complexa e aprofundada) e sim ideologia (sistema de pensamento ilusório) ou uma doutrina, geralmente mal digerida.

E essa concepção equivocada e rasteira é reforçada pelo obreirismo e autonomismo e até mesmo por concepções políticas degradadas que se autodenominam equivocadamente “conselhistas” e “situacionistas”. Todas essas concepções, em franco declínio nos últimos anos, apesar de sobreviver sob a forma de “ativismo”, mostram sua incapacidade política de contribuir efetivamente com a luta proletária.

O primeiro artigo justifica a Revista Marxismo e Autogestão e abre o caminho para os demais, que tematizam a solidão, a autogestão, a planificação, o pseudomarxismo, o marxismo, a dialética, análise crítica da realidade contemporânea e da luta de classes, entre outros elementos que buscam contribuir com o resgate da produção intelectual do passado e sua atualização no presente para servir, como coloca Patrick Berger, como mais um *embrião* da *sociedade do futuro*, da autogestão social.